

Alan M. Zuffo | Jorge G. Aguilera | Bruno R. de Oliveira
(Organizadores)

CIÊNCIA EM FOCO

Volume III



Pantanal Editora

2020

Alan Mario Zuffo
Jorge González Aguilera
Bruno Rodrigues de Oliveira
(Organizadores)

CIÊNCIA EM FOCO

Volume III



Pantanal Editora

2020

Copyright[©] Pantanal Editora
Copyright do Texto[©] 2020 Os Autores
Copyright da Edição[©] 2020 Pantanal Editora
Editor Chefe: Prof. Dr. Alan Mario Zuffo
Editores Executivos: Prof. Dr. Jorge González Aguilera
Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora
Edição de Arte: A editora
Revisão: Os autor(es), organizador(es) e a editora

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – OAB/PB
- Profa. Dra. Albys Ferrer Dubois – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – IF SUDESTE MG
- Profa. Msc. Aris Verdecia Peña – Facultad de Medicina (Cuba)
- Profa. Arisleidis Chapman Verdecia – ISCM (Cuba)
- Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo - UEA
- Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu – UNEMAT
- Prof. Dr. Carlos Nick – UFV
- Prof. Dr. Claudio Silveira Maia – AJES
- Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – UFGD
- Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva – UEMS
- Profa. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos – IFPA
- Prof. Msc. David Chacon Alvarez – UNICENTRO
- Prof. Dr. Denis Silva Nogueira – IFMT
- Profa. Dra. Denise Silva Nogueira – UFMG
- Profa. Dra. Dennyura Oliveira Galvão – URCA
- Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves – ISEPAM-FAETEC
- Prof. Dr. Fábio Steiner – UEMS
- Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez (Colômbia)
- Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles – UNAM (Peru)
- Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira – IFRR
- Prof. Msc. Lucas R. Oliveira – Mun. de Chap. do Sul
- Prof. Dr. Leandro Argente-Martínez – ITSON (México)
- Prof. Msc. Javier Revilla Armesto – UCG (México)
- Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales – UNMSM (Peru)
- Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski – UFMT
- Prof. Msc. Marcos Pisarski Júnior – UEG
- Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla – UNAM (Peru)
- Profa. Ma. Nila Luciana Vilhena Madureira – IFPA
- Prof. Dr. Rafael Chapman Auty – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke – UFMS
- Prof. Dr. Raphael Reis da Silva – UFPI
- Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo – UEMA
- Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca – UFPI
- Prof. Msc. Wesclen Vilar Nogueira – FURG
- Profa. Dra. Yilan Fung Boix – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – UFT

Conselho Técnico Científico

- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Esp. Tayronne de Almeida Rodrigues
- Bel. Ana Carolina de Deus

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C569 Ciência em foco [recurso eletrônico] : volume III / Organizadores Alan Mario Zuffo, Jorge González Aguilera, Bruno Rodrigues de Oliveira. – Nova Xavantina, MT: Pantanal, 2020.
78 p.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-990641-7-3

DOI <https://doi.org/10.46420/9786599064173>

1. Ciência – Pesquisa – Brasil. 2. Pesquisa científica. I. Zuffo, Alan Mario.
II. Aguilera, Jorge González. III. Oliveira, Bruno Rodrigues de.

CDD 001.42

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos livros e capítulos, seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do(s) autor (es). O download da obra é permitido e o compartilhamento desde que sejam citadas as referências dos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000. Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.

Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).

<https://www.editorapantanal.com.br>.

contato@editorapantanal.com.br

APRESENTAÇÃO

Neste terceiro volume da série *Ciência em Foco* expandimos as áreas de abrangência das pesquisas relatadas, dentre elas a área de farmácia, contábil, jornalismo e estatística, tendo sempre como cerne a divulgação das pesquisas científicas com qualidade e relevância.

No Capítulo I os autores trazem à tona uma discussão sobre a demarcação das Terras Indígenas da Raposa Serra do Sol, no Estado de Roraima, que acarretou na adaptação dos produtores de arroz devido à obrigatoriedade de produzirem em áreas menores, e concluem que os produtores tiveram que buscar “se reerguer na atividade promovendo, dessa forma, a sua continuidade por meio de alternativas que fortalecessem a produção como, por exemplo, utilizando cultivares mais produtivas”.

Saindo do Norte para o Nordeste, no semiárido Cearense, no Capítulo II os autores analisam a temperatura e umidade relativa do ar, a fim de avaliar o nível de estresse ambiental ao qual as fêmeas suínas de quatro raças são expostas, pois estes fatores influenciam na produtividade do rebanho, concluindo que para “diminuir os níveis de estresse dos suínos registrados pelas médias de ITU durante a pesquisa, o produtor pode melhorar as instalações da propriedade, com climatização (ventilação, aspersão), de forma que proporcione melhores índices ambientais para os animais”.

Já no Capítulo III os autores emergem discussões sobre as políticas de saúde mental e como o farmacêutico é peça central para as suas aplicações de modo efetivo. Dentre suas conclusões pode-se destacar que a atuação do farmacêutico nos centros de apoio contribui para a boa aceitação dos medicamentos, pois estes profissionais proporcionam uma interação “positiva, fazendo com que os pacientes cheguem mais rápido à recuperação de sua saúde”.

O Capítulo IV traz uma discussão sobre a questão da ética na profissão contábil e sobre as infrações aplicadas aos profissionais que descumprem o código de ética no estado de Goiás. Em sua conclusão os autores ressaltam que “Os resultados apresentados no estudo, em especial ao aspecto de evolução das infrações cometidas, podem levar a duas interpretações: primeira, maior atuação do Conselho, intervindo e registrando todos os atos praticados pelos profissionais; ou, segunda, maior descuido dos contabilistas para com o Código de Ética”.

Discorrendo sobre o trabalho jornalístico nos jornais de alguns sindicatos no estado do Paraná tendo em conta certas características das entidades empregadoras mencionadas, o autor do Capítulo V constata em sua conclusão sobre esse meio de comunicação institucional que “Como instrumentos de comunicação com posicionamentos mais institucionais e de representação da direção da entidade, os jornais analisados indicaram predominância da fala dos dirigentes institucionais como prioritários nos jornais”.

No sexto e último capítulo o autor aborda a questão da violência doméstica e familiar contra a mulher, por meio de uma pesquisa quantitativa sobre a quantidade de solicitações de medidas protetivas, que constituem um dos instrumentos em favor da vítima criado pela Lei 11.340/2006 (Lei Maria da Penha), e conclui que, embora numericamente a violência doméstica possa ter aumentado mais de 300% no estado de Mato Grosso do Sul, não é possível determinar se o aumento é em decorrência do maior acesso e ciência das mulheres aos seus direitos, ou se realmente a violência aumentou.

Por fim, nós esperamos que cada uma das pesquisas apresentadas possa contribuir efetivamente para nossa sociedade por meio dos resultados apresentados dos problemas abordados.

Os organizadores

SUMÁRIO


→ APRESENTAÇÃO	4
→ CAPÍTULO 1 PRODUÇÃO DE ARROZ NA REGIÃO DA TERRA INDÍGENA RAPOSA SERRA DO SOL EM RORAIMA	6
→ CAPÍTULO 2 INFLUÊNCIA DA TEMPERATURA E UMIDADE NA ADAPTABILIDADE DE MATRIZES SUÍNAS NA REGIÃO SEMIÁRIDA DO CARIRI CEARENSE	15
→ CAPÍTULO 3 O FARMACÊUTICO NO CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL: UMA REVISÃO	24
→ CAPÍTULO 4 ÉTICA NA PROFISSÃO CONTÁBIL: INFRAÇÕES E PENALIDADES APLICADAS	31
→ CAPÍTULO 5 VOZ E VEZ: FALA E REPRESENTAÇÃO DOS TRABALHADORES NA IMPrensa SINDICAL PARANAENSE.....	40
→ CAPÍTULO 6 ESTUDO QUANTITATIVO DAS SOLICITAÇÕES DE MEDIDAS PROTETIVAS DA LEI MARIA DA PENHA NO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL.....	53
→ ÍNDICE REMISSIVO	78

Voz e vez: fala e representação dos trabalhadores na imprensa sindical paranaense

Recebido em: 25/04/2020

Alexsandro Teixeira Ribeiro^{1*}

Aceito em: 30/04/2020

 10.46420/9786599064173cap5

INTRODUÇÃO

Com mais de um século e meio de história, a luta sindical brasileira passou por diversas fases de atuação e representação: do anarcossindicalismo, influenciado por ideais de imigrantes europeus, passando por um sindicalismo partidário, sob atuação dos partidos e movimentos socialistas, e depois, como imprensa de resistência no Estado Novo e na Ditadura Militar (Ferreira, 1988). Na década de 1990 até o início do século XXI o movimento sindical sofre um abalo com as políticas neoliberais. Nesta época, inicia-se a abertura de mercado para o capital estrangeiro, venda e privatização de empresas e bens públicos de setores sociais estratégicos, como o de telecomunicações, de energia, além de flexibilização dos direitos trabalhistas.

A publicação de jornais pelas entidades sindicais é prática que remonta ao início do movimento operário brasileiro. Outrora construído sobre o tripé – produzido pelo operário, sobre temas do operário e para o operário (Ferreira, 1988), atualmente, a comunicação dos trabalhadores tem sido produzida por e sob o auxílio de profissionais da comunicação, dentre os quais os jornalistas. Dentre inúmeros materiais de divulgação e comunicação das ações sindicais, mesmo com o advento da internet e de meios de comunicação virtuais, o jornal é o mais conhecido, sendo que os temas que comportam são comumente relacionados às questões das categorias profissionais representadas pela entidade, como aumento salarial, anuênio, aposentadoria. “Enfim, seus direitos. O jornal do sindicato existe para falar sobre estes temas. Através deles abordar assuntos da política global e fazer a disputa ideológica” (Santiago; Giannotti, 1997).

Apesar disso, o jornal de sindicato não necessariamente trata apenas de questões salariais ou trabalhistas, podendo também abordar temas culturais, de educação, saúde, meio

¹ Doutorando em sociologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), mestre em jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), bacharel em jornalismo pelo Centro Universitário Uninter.

* Autor de correspondência: alexsandrotibeiro@gmail.com

ambiente e sobre conjuntura política, no entanto, “com uma definição de classe clara e não escondida. Todos esses assuntos devem ser tratados sob a ótica dos interesses dos trabalhadores, que são seu público leitor” (Santiago; Giannotti, 1997). Portanto, o jornal dentro das entidades sindicais desempenha um papel de instrumento de posicionamento político que versa a visão de mundo defendida pela categoria.

Oras, desta forma, são assim os interesses dos trabalhadores, predominante não apenas nas definições dos conteúdos pautados pela imprensa, mas fundamentalmente nas opções de recortes de visões, de posições e de lado: o dos trabalhadores. Sob esses apontamentos e aspectos, a problemática que norteia este artigo é o da representatividade dos trabalhadores nas páginas dos jornais sindicais. Se este é não apenas o público, como um consumidor passivo, mas sim o foco das manifestações e, portanto, o dono da voz, de qual a representatividade deste trabalhador nos jornais sindicais? Para se observar tal problemática foi definido como corpus de análise jornais de seis entidades de representação dos trabalhadores de diferentes setores produtivos de Curitiba, publicados entre os anos 2013 e 2014.

JORNALISMO SINDICAL: UMA LÓGICA DE REPRESENTAÇÃO DOS TRABALHADORES

A imprensa dos trabalhadores está presente no movimento operário ao longo das mutações identitárias assumidas no país, partindo de um sindicalismo anarquista, influenciado pelos ideais dos imigrantes, passando por uma atuação partidária, no início do século XX, pela cooptação do Estado e pela ditadura militar, desembocando, às prévias da redemocratização brasileira, em um processo de profissionalização e abertura paulatina de espaço para atuação dos profissionais e jornalismo (Ferreira, 1988; Araújo, 2009). Ou seja, o jornal, a imprensa e comunicação sindical, dentre as várias nomenclaturas e concepções, sofreram e sofrem ao longo da existência das entidades sindicais influências das trajetórias dos sindicatos. E isso se dá desde a origem do sindicato no Brasil, uma vez que a imprensa e comunicação nos sindicatos são tão antigos quanto às entidades. O jornal sindical como um instrumento das entidades na defesa pelos interesses dos trabalhadores é uma das expressões mais emblemáticas do cenário sindical trabalhista brasileiro.

Na imprensa sindical antes da década de 1970 não havia a figura do repórter enquanto profissional da notícia. A notícia procurava o jornal, ao invés de o jornal procurar a notícia. Para Ferreira (1995), era “uma autêntica forma de comunicação participativa, verdadeira integração entre o emissor e o receptor, entre o jornal e o leitor”. Assim, todo proletário era um repórter em potencial, captando a notícia nos espaços laborais e levando

para as redações dos sindicatos um material composto de “relatórios dos sindicatos, cartas pessoais, denúncias etc.” (Ferreira, 1995). Durante a redemocratização do Brasil, a imprensa sindical, segundo Araújo, se firmaria num processo de profissionalização e modernização constante, que se estende até os dias atuais (Araújo, 2009). Para Ferreira, a partir da redemocratização do País, se inicia uma terceira etapa da imprensa operária, com a reorganização dos trabalhadores e das entidades sindicais após o “desbaratamento sofrido pela sociedade civil no pós 64”. Seria a etapa que, segundo a pesquisadora, o movimento sindical vive atualmente, cuja imprensa corresponderia a uma “imprensa sindical propriamente dita” (Ferreira, 1995).

As grandes greves desencadeadas entre 1978 e 1980 mostraram a vitalidade de uma “nova geração da classe trabalhadora e o aparecimento de uma nova liderança sindical” (Araújo; Cardoso, 1992). Ou seja, com o advento do novo sindicalismo o movimento sindical recupera o caráter aglutinador e de ampliação da classe trabalhadora e a partir desse movimento pode-se extrair um das experiências mais relevantes de construção da democracia no Brasil, responsável pelo fortalecimento de estruturas representativas com capacidade de interferir nos processos decisórios mais amplos da sociedade. É nesse contexto que os jornais sindicais retomam o papel de agitação política, instrumento de mobilização e de conscientização. Aqui começamos a perceber o nascimento de um forte nicho do jornalismo, marcadamente engajado (Martins, 2001). Araújo e Cardoso defendem que a recuperação da resistência pós década de 1980 é reflexo da força sindical de outros tempos e pontuam a influência da imprensa sindical como cumpridora de um fundamental papel no processo de renovação do movimento sindical e da própria imprensa dos trabalhadores (Araújo; Cardoso, 1992).

Uma das características mais presentes nas abordagens teóricas que se aproximam da comunicação sindical, da imprensa sindical e do jornalismo sindical é o papel dos jornais sindicais como instrumento contra-hegemônico, como um contraponto aos veículos de comunicação de massa, pois, “se a opinião está cada vez mais bombardeada com informações que chegam de todos os lados, a opinião das bases também pode sofrer interferências a partir de comunicação sindical” (Lança, 2013). Ou seja, na medida em que a imprensa sindical busca dialogar com os trabalhadores, ela também se propõe a comunicar à sociedade, a disputar com os meios de comunicação de massa esse espaço de influência na esfera pública. Na condição de ator político, os sindicatos buscam apoio na sociedade para defesa de suas causas levando suas reivindicações e manifestações para a esfera pública, que é uma “importante fonte para reconhecer as demandas que, de outra forma, ficariam restritas e

impossibilitadas de ascender como temas públicos” (Francisquini, 2008). Na revisão da literatura sobre as abordagens da imprensa sindical, há uma predominância na interpretação instrumentalista dos meios de comunicação e jornalismo sindical, sendo apontado por alguns autores como “instrumento de luta e resistência, com potencial para ser a voz e a vez de uma classe desprovida de direitos sociais (Lahni; Fuser, 2004). Assim, “a comunicação sindical tem o objetivo de informar e veicular a política do sindicato. Mas isso é só uma etapa. O objetivo último é concreto: convencer e levar à ação” (Santiago; Giannotti, 1997).

A comunicação sindical atua junto ao direito à comunicação, portanto, possibilitando a participação política dos trabalhadores. Desta feita, cabe à comunicação sindical ressaltar o caráter contra-hegemônico de suas pautas e do seu modelo, caso contrário, para Ferreira, ao “reproduzir o modelo hegemônico da mídia massiva, contribuem para bloquear o direito à comunicação destes sujeitos” (2011). E a eficiência dessa comunicação se dá mais efetivamente na medida em que busca a presença significativa ante a sua base de atuação, diminuindo a periodicidade sem mudanças repentinas e temas e discursos que tenham relações com os trabalhadores “principalmente, no que tange à dimensão de seus múltiplos papéis sociais, numa era marcada por numerosas e distintas identidades que convivem num mesmo sujeito” (Ferreira, 2011).

Reforça ainda Rodrigues Netto (2013) que o jornalismo sindical é um jornalismo especializado, com um público-alvo específico, com interesses homogêneos, voltado não à busca de notícias gerais, de interesse público de forma geral, mas que esteja relacionado à sua esfera de vivência e atuação profissional. Desta forma, “situar o jornalismo sindical dentro do contexto de um jornalismo especializado é condição prévia para que o sindicato consiga manter uma comunicação que consiga mobilizar os trabalhadores de sua base levando-os à ação”.

A FORMA DE OBSERVAR O FENÔMENO

A perspectiva teórica jornalística adotada nas análises da presente pesquisa é a lançada por Groth, acerca do jornalismo enquanto obra cultural, entendendo cultura como “o conjunto das criações mentais humanas que cresce e muda continuamente. Assim, a ciência dos jornais é a ciência das obras culturais, é uma ‘ciência da cultura’” (Groth, 2011). Para Groth, o homem estabelece valores com determinadas finalidades, ou seja, o pensar e agir humano corresponde à busca de determinados fins. Da mesma forma são suas obras culturais, construídas “por eles com um sentido, de tal maneira que a obra seja de fato apenas

considerada como apropriada para satisfazer as suas necessidades corporais e intelectuais” (Groth, 2011).

Assim, em tese, pode-se adotar a perspectiva na análise jornalística das ações sociais envolvidas no empreendimento cultural cujo objetivo é atender uma certa interação ou orientação, tendo em vista o jornalismo enquanto um modelador da mente do homem, determinando a direção do pensamento e do “querer de amplas camadas sociais”, com uma influência “que se espalha por todas as áreas da vida” (Groth, 2011). Sob a perspectiva do jornalismo enquanto obra cultural, propõe-se buscar uma metodologia que auxilie na análise e interpretação das características do jornalismo sindical. Isso, obviamente, tendo em vista o que afirma Groth quanto ao método da Ciência dos Jornais, sobre uma metodologia que contemple o objeto sem buscar aquilo que não lhe seja concernente à sua essência. A postura metodológica adotada na pesquisa parte do pressuposto de que busca-se contemplar aquilo que está no produto, nas manifestações da periodicidade do jornalismo que foca na singularidade do trabalho. Busca-se, portanto, o jornalismo nas páginas dos jornais da imprensa sindical e não outras manifestações de outros campos do conhecimento.

Como o foco é observar a forma de aparição das fontes de informação com foco em identificar a representatividade da classe dos trabalhadores, procurou-se colocar como evidência o conteúdo da obra jornalística. Ou seja, usamos um método de coleta e de análise que problematiza o conteúdo a partir de categorizações e da identificação recorrente de determinadas categorias. Desta forma, a análise se apropria do cabedal preconizado por (Bardin, 2011) em análise de conteúdo. De posse de tais ferramentas, foram analisadas as publicações de seis entidades sindicais de representação dos trabalhadores dos mais variados setores de atuação profissional veiculadas entre janeiro de 2013 e dezembro de 2014. Como parâmetros de definição do corpus de análise, em primeiro lugar, foram definidas entidades cujas publicações a serem analisadas fossem de responsabilidade técnica de profissionais de jornalismo. Uma vez que uma das preocupações da pesquisa é ressaltar o campo do jornalismo, é fundamental ter como determinante a participação e atuação profissional de jornalistas diplomados.

Na procura de um modelo de análise das publicações, devem “ser levados em conta no momento da escolha: a abrangência que se quer observar em determinado meio, o momento histórico a ser analisado, o nível de profundidade de um determinado assunto” (Silva e Pontes, 2012). Em síntese, as entidades foram definidas dentre um universo de sindicatos de trabalhadores com abrangência paranaense, com publicações impressas periódicas sob responsabilidade e produção por jornalistas profissionais. As entidades

definidas, bem como os títulos de suas publicações, são: jornal 30 de agosto, do Sindicato dos trabalhadores em educação pública do Paraná (APP Sindicato); Folha Bancária, do Sindicato dos Bancários de Curitiba e Região; A Voz do Metalúrgico, do Sindicato dos Metalúrgicos de Curitiba e Região; Extra-Pauta, do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Paraná (Sindijor); Pressão Alta, do Sindicato dos Servidores da Saúde do Paraná (Sindisaúde) e Jornal do Sismuc, do Sindicato dos Servidores Municipais de Curitiba.

Se a proposta metodológica e a problemática da pesquisa anuncia a busca por um padrão que se repita nas manifestações e indique características que vão além das plataformas, foram focados métodos que possibilitam ver esses padrões/repetições tanto em questões quantitativas, quanto na identificação de nuances e relações qualitativas das frequências. Para tanto, recorreu-se a um ferramental que possibilitou quantificar e qualificar o conteúdo veiculado pelos jornais sindicais. Para observar quem fala no jornal, foram definidas as subcategorias da categoria “fontes”, sendo elas:

- **Sindicato:** contabiliza como fontes a autorreferência da entidade no texto;
- **Direção do sindicato:** todo o corpo diretivo do sindicato, como cargos de presidência, conselho fiscal;
- **Políticos:** aparição de membros do poder executivo e legislativo;
- **Judiciário:** membros do poder judiciário;
- **Centrais Sindicais:** indicação de membros ou da instituição;
- **Movimentos sociais:** referências às centrais;
- **Trabalhadores:** integrantes da classe dos trabalhadores;
- **Assessoria:** aparições das assessorias técnicas das entidades, como assessoria jurídica, de imprensa, econômica etc.

Ao idealizar a categoria anterior – “fontes” –, em que se identificaria o ator da aparição, tornou-se evidente a necessidade de identificar a forma de aparição dos atores no texto. Afinal, não é comparável quantitativamente uma fonte que é chamada a falar diretamente no texto por outra que é mencionada. Carece aqui, portanto, de um elemento qualificador de *status* da fonte. Para tanto, junto às fontes e suas subcategorias, foram qualificados como voz direta, voz indireta, menção:

- **Voz direta:** aparição de fontes com direito a voz com ação direta no texto, com falas entre aspas;
- **Voz Indireta:** aparição de fontes com voz mencionada ou com ação de voz anunciada no texto, no entanto, sem falas entre aspas;

- **Menção:** indicação do nome ou cargo na narrativa textual.

Mesmo com o caráter do *status* agregado às subcategorias da categoria “fontes”, foi ainda adicionado outro elemento qualitativo às subcategorias, relativas a interpretação da forma como é inserida no texto, ou seja, se a fonte e sua aparição é, junto à narrativa, interpretada como positiva, negativa e neutra.

VOZES SILENCIADAS: A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA FONTE NOS JORNAIS SINDICAIS

Na retomada da literatura sobre a imprensa e jornalismo sindical, uma característica evidente e cara ao veículo como arena de luta é a representação e abertura de espaço para a expressão dos trabalhadores, público-alvo das publicações das entidades sindicais. Desta forma, a contabilização e qualificação das aparições de falas podem apontar quem são os falantes na imprensa sindical, ou seja, quem é qualificado pela entidade e pelo jornalismo sindical a determinar as orientações ou subsidiar os trabalhadores leitores do jornal do sindicato nas análises acerca das temáticas abordadas pela entidade em suas publicações. Para tanto, chegou-se a necessidade de se olhar para quem são os atores que se apresentam ou que são apresentados nas páginas dos jornais sindicais.

Na leitura das 108 edições dos jornais sindicais escolhidos, procuramos mapear e identificar todas as fontes citadas e que tiveram vozes nos jornais seguindo as marcações definidas na idealização da metodologia: Sindicato, Direção do Sindicato, Políticos, Judiciário, Centrais Sindicais, Movimentos sociais e demais sindicatos, Empresa, Governo, Trabalhadores e Assessoria.

Junto às aparições, foram vinculadas as características de forma de inclusão das fontes, ou seja, se elas foram citadas ou mencionadas nos textos ou se tiveram ação dentro das narrativas; indiretas, quando suas falas são citadas dentro da narrativa jornalística; ou diretas, quando suas falas são reproduzidas integralmente nos textos entre aspas. Sabe-se, assim, quem são chamados a falar e quem são mencionados. Tais qualificações agregadas às inclusões nos textos permitem analisar de que forma as fontes são inseridas nas publicações, se apenas indicadas ou se desempenham um papel fundamental na formação da opinião na imprensa sindical, com a reprodução integral de suas falas, orientações e ideologias nas páginas dos jornais sindicais.

Na averiguação das indicações por citação (Figura 1), quantitativamente, os sindicatos estão na linha de frente das aparições de fonte, com 25%. Em seguida, estão as empresas, com cerca de 16% das inserções, seguida de movimentos sociais com 11% e

governo e direção do sindicato, ambos com 10%. Os percentuais foram calculados tendo como base um universo de 2.093 inserções de fontes citadas, dentre as quais classificam numericamente como: 24 assessoria; 114 centrais sindicais; 85 demais; 129 direção do sindicato; 364 empresas; 329 governo; 98 judiciário; 155 movimentos sociais; 183 políticos; 421 sindicato e 191 trabalhadores.

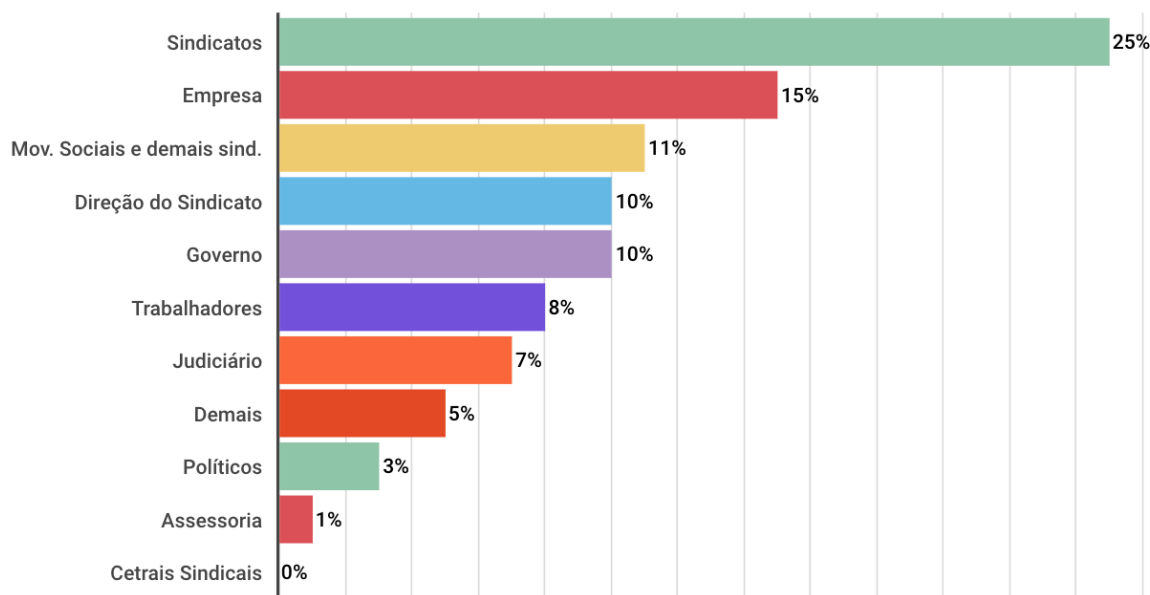


Figura 1. Recorte da análise dos seis jornais por fonte (Citação - 2013/2014). Fonte: Autor, 2015.

Na somatória das citações (Figura 1), percebe-se uma predominância da entidade como citada. No entanto, são as empresas que aparecem em segundo lugar nas citações. A aparição é superior ao da diretoria da entidade. Se somado ao governo, que se comporta como empregador para as categorias de três das seis entidades – Sismuc, APP Sindicato e Sindaúde – e parcialmente para categoria bancária – Sindicato dos Bancários –, os empregadores assumem a liderança nas citações ante a diretoria da entidade em mais do dobro das citações. A participação do patronato nos jornais, no entanto, é restrita às citações, ou seja, são apenas mencionados no texto como o lado oposto da luta sindical. Em A Voz do Metalúrgico, devido ao grande número de empresas de automação, montadoras, que participam de negociações específicas com o Sindicato dos Metalúrgicos, há grande citação das empresas na amostragem sendo a principal fonte citada. Obviamente isso não se repete nas demais formas de aparição nos jornais da entidade. No entanto, é na qualificação e na contagem e análise dos demais tipos de aparições que se apresenta um quadro geral e mais amplo das falas.

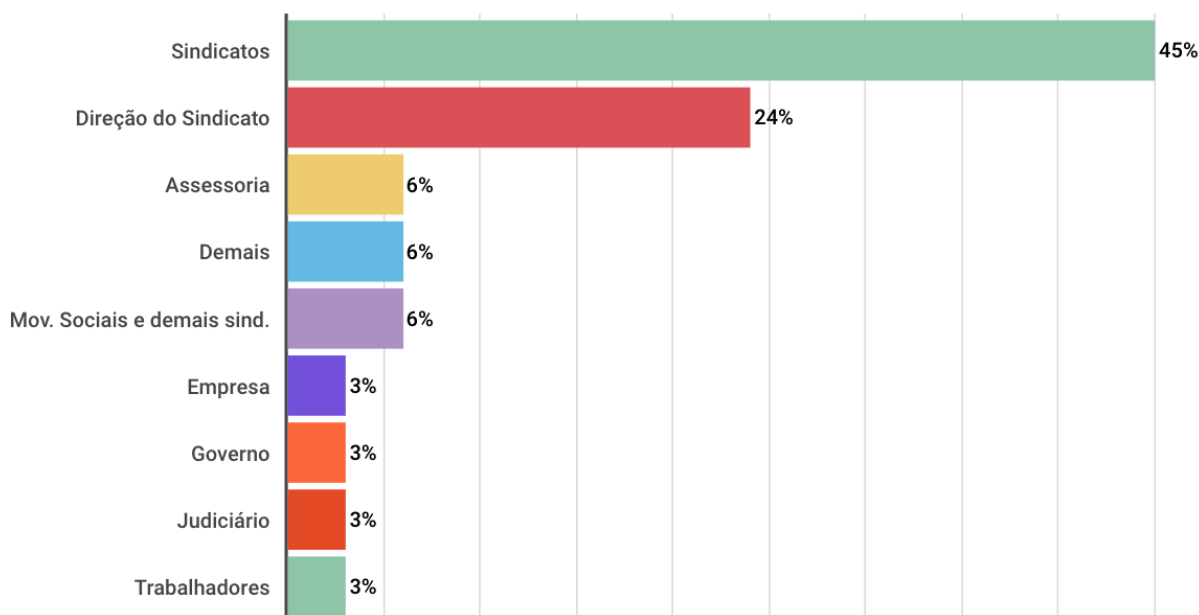


Figura 2. Recorte da análise de todas edições por aparição por fonte (Indireta 2013/2014).
Fonte: Autor, 2015

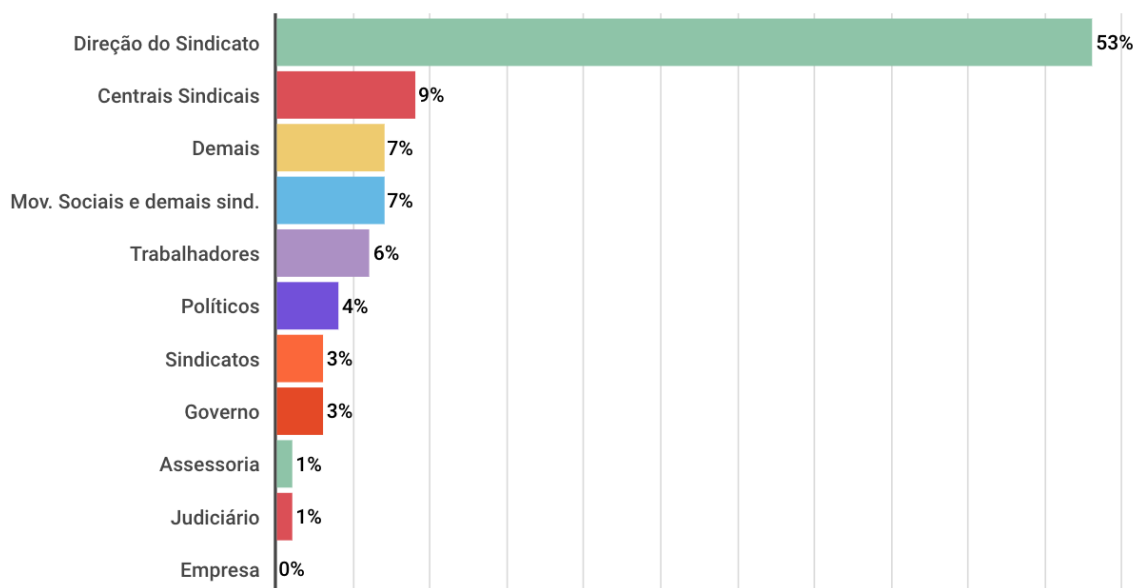


Figura 3. Recorte da análise dos seis jornais por aparição por fonte (Direta, período 2013/2014). Fonte: Autor, 2015.

Ressalta-se que as empresas não aparecem como predominantes nas demais formas de inserção no texto. Ou seja, não é patente nas páginas do jornal do Sindicato dos Metalúrgicos o direito ao contraditório, à participação da empresa na defesa por conta própria de seu posicionamento, com a inserção da fala, tanto de forma direta quanto indireta. Esse aspecto da imprensa apresentar os fatos segundo o ponto de vista e ideologia da

entidade e dos trabalhadores consta na pesquisa da pesquisa, apontada por vários autores que se debruçaram sobre a imprensa sindical (Lahni; Fuser, 2004; Giannotti; Santiago, 1997; Franzin, 2007; Ferreira, 1988; Ferreira, 1995; Verdelho, 1986; Momesso, 1997; Vieira, 1996).

Por outro lado, supõe-se que o jornalismo sindical, ao apresentar as informações sob a ótica dos trabalhadores, contemple as falas e posicionamentos dos integrantes da classe trabalhadora e da categoria representada pela entidade sindical. Para identificar tal participação de vozes da imprensa dos sindicatos analisados, partiu-se para as indicações ativas, que seriam as diretas e indiretas. O primeiro lugar isolado nas aparições ativas indiretas (Figura 2), ou seja, 109 naquelas indicações de vozes apontadas no texto sem as aspas, é da própria entidade sindical, com 45% das aparições indiretas. Isso se dá pela aparição da instituição como nas ações informativas apontadas em boa parte das notícias, como detentora de opinião, como instituição, e responsável pela aglutinação da categoria e realização de diversos eventos e mobilizações. A aparição torna-se mais evidente em jornais com menor pluralidade de fontes, em que os textos apresentam a narrativa como integrante da própria entidade. O percentual foi calculado tendo com base 295 inserções indiretas de fontes, das quais, individualmente, contabilizam-se: 12 de assessoria; 13 centrais sindicais; 10 demais; 38 direção do sindicato; 12 empresa; 26 governo; 16 judiciário; 16 movimentos sociais; 17 políticos; 107 sindicatos e 28 trabalhadores.

O quadro de redução de fala da diretoria é revertido nas citações diretas (Figura 3) no quadro geral, ou seja, de todas as publicações dos sindicatos. No levantamento das indicações de falas diretas, ou seja, com direito à voz ativa nos textos, é possível perceber que a direção é quem detém o poder de fala direta nas publicações dos sindicatos, ocupando mais da metade das aspas contidas nas publicações, num percentual longe de ser alcançado por qualquer outra fonte indicada nos jornais. A direção da entidade é detentora da fala direta apresentada nas edições dos jornais em mais de 50% das aparições, ou seja, em 489 das aparições diretas de fontes, sendo as demais contabilizadas em: 35 assessoria; 57 centrais sindicais; 68 demais; 4 empresas; 33 governo; 14 judiciário; 68 movimentos sociais; 40 políticos; 16 sindicato e 91 trabalhadores. A característica da imprensa sindical de se consolidar em um espaço de representação do trabalhadores, conforme apontado pela pesquisa da pesquisa, com sua participação na produção da notícia e como repercutidora e potencializadora de suas falas torna-se numericamente, no período e entidades analisados, num espaço de fala institucionalizada da direção da entidade, que se faz não apenas representante às substitutas da fala da categoria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalismo no meio sindical vem se consolidando ao longo das últimas décadas como espaço profissional em crescimento para os jornalistas. Uma imprensa que outrora era produzida pela direção da entidade, hoje cada vez mais tem em suas redações profissionais especializados no meio. Sensível às alterações e mutações do movimento sindical, a comunicação realizada pelas entidades de representação dos trabalhadores é diretamente impactada pelas mudanças de estrutura, ideais e identidades do movimento sindical desde a sua origem no país. Com a profissionalização no setor de comunicação não seria diferente. A postura dos jornais e a qualidade gráfica e de apuração de informação altera-se drasticamente com o aumento de jornalistas que se dedicam ao meio sindical. Além do surgimento de novos títulos, a inserção de profissionais que antes estavam em redações da mídia convencional ou que vieram das universidades com formação específica de jornalismo, forneceu um aspecto mais profissional à produção dos jornais e revistas das entidades sindicais.

Textos com estrutura similar aos de jornais e revistas da mídia convencional, apelo visual melhorado com diagramação mais arrojada, menos pesada, com uso de avançadas tecnologias de editoração e de impressão, são alguns dos elementos que nitidamente sofreram alterações com a profissionalização do setor de comunicação sindical. Ocorre que não apenas a parte técnica influenciou alterações no perfil da imprensa sindical, mas também a politização e o posicionamento político-ideológico dos produtores de conteúdo dos jornais.

Se antes a imprensa sindical, pontuada pelos autores que outrora pesquisaram o tema, como um espaço de discussão e visibilidade de temas não abordados na mídia convencional e hegemônica, como ferramenta ideológica dos trabalhadores na luta pelos seus direitos, e como espaço de formação política dos trabalhadores. No entanto, uma análise nos jornais de seis entidades sindicais de Curitiba publicados entre 2013 e 2014, quais sejam: Jornal 30 de Agosto, do Sindicato dos trabalhadores em educação pública do Paraná (APP Sindicato); Folha Bancária, do Sindicato dos Bancários de Curitiba e Região; A Voz do Metalúrgico, do Sindicato dos Metalúrgicos de Curitiba e Região; Extra-Pauta, do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná (Sindijor); Pressão Alta, do Sindicato dos Servidores da Saúde do Paraná (Sindsaúde) e Jornal do Sismuc, do Sindicato dos Servidores Municipais de Curitiba; indicou, sob a perspectiva de análise de conteúdo adotado na atual pesquisa, algumas posturas que confrontam as características da imprensa sindical indicada pela pesquisa da pesquisa.

Como instrumentos de comunicação com posicionamentos mais institucionais e de representação da direção da entidade, os jornais analisados indicaram predominância da fala dos dirigentes institucionais como prioritários nos jornais. Ou seja, em suas fontes de informação e aparições, predominou a presença da direção da entidade e de fontes institucionais, sobretudo a presidencial, relegando a própria categoria à participação apenas na leitura, com poucas inserções de suas falas nos jornais. Isso denota que o veículo atende a uma posição que não reflete, necessariamente, a demanda da categoria, uma vez que esta não encontra nas páginas dos jornais uma forma de se manifestar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Araújo S, Cardoso A (1992). *Jornalismo e militância operária*. Curitiba: UFPR. 174p.
- Araújo VC (2009). *O jornalismo de informação sindical: atores e práticas de uma forma de produção jornalística*. Porto Alegre: UFRGS. 224p.
- Bardin L (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70. 280p.
- Ferreira MN (1988). *Imprensa operária no Brasil*. São Paulo: Editora Ática. 93p.
- Ferreira MN (1995). *O impasse da comunicação sindical: de processo interativo a transmissora de mensagens*. São Paulo: Cebela. 164p.
- Ferreira NT (2011). Os desafios da Mídia Sindical no contexto multidentitário do trabalhador contemporâneo. 9.º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (Sbpjor) – Rio de Janeiro.
- Franzin J (2007). *Imprensa Sindical: Comunicação que organiza*. São Paulo: Agência de Comunicação Sindical. 84p.
- Groth O (2011). *O poder cultural do desconhecido: fundamentos da Ciência dos Jornais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- Lahni C, Fuser B (2004). A ausência do trabalhador na imprensa sindical de Campinas e de Juiz de Fora. In: *Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 27, 2004. Porto Alegre. Anais. São Paulo: Intercom. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/8175500381220403445874650644469862368.pdf>>
- Lança H (2013). O jornal sindical e a formação política: o caso da Udemo junto aos diretores de escola da rede estadual paulista. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Nove de Julho, São Paulo.

- Martins JL (2001). *Jornalismo sindical: concepções e práticas: a notícia na Folha Bancária e na Tribuna Metalúrgica*. 2001. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de São Paulo – ECA-USP.
- Momesso L (1997). *Comunicação sindical: limites, contradições, perspectivas*. Recife: Editora Universitária UFPR.
- Rodrigues Netto M (2013). Comunicação e sindicalismo: os dilemas da linguagem sindical na (des) mobilização dos trabalhadores. *Revista Científica Semana Acadêmica*, 43(1): 1-11.
- Santiago C, Giannotti V (1997). *Comunicação Sindical: falando para milhões*. Petrópolis: Vozes. 182p.
- Silva G, Pontes FS (2012). Mídia noticiosa como material de pesquisa: recursos para o estudo de produtos jornalísticos. In: Bourghinon JÁ, Oliveira Junior CR (Org.). *Pesquisa em Ciências Sociais: interfaces, debates e metodologias*. Ponta Grossa: Toda Palavra. 216p.
- Verdelho V (1986). A nova imprensa sindical. In: Festa R, Silva CEL (Org.). *Comunicação popular e alternativa no Brasil*. São Paulo: Paulinas. 736p.
- Vieira TAS (1996). *Comunicação sindical: proposta de uma política para as entidades*. Canoas: Ulbra. 149p.

ÍNDICE REMISSIVO

A

agressor, 52, 53
assistência farmacêutica, 24, 27

B

bem-estar, 14

C

CAPS, 24, 26, 27, 28
contabilidade, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36,
37
CRC-GO, 32, 33, 36

E

estresse térmico, 17
ética profissional, 31

F

fontes de informação, 43, 50

I

imprensa sindical, 40, 41, 43, 45, 47, 49
infrações, 33

L

Lei Maria da Penha, 52, 53, 54, 57

P

penalidades, 32, 36
produção, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 44,
49
produtividade, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 30

R

reserva indígena, 9, 11, 12

S

saúde mental, 23, 25, 26
suinocultura, 14, 15

T

TJMS, 54

V

violência doméstica, 52, 55, 59, 61
vítima, 52



Alan Mario Zuffo

Graduado em Agronomia pela UNEMAT. Mestre em Agronomia - Fitotecnia (Produção Vegetal) UFPI. Doutor em Agronomia - Fitotecnia (Produção Vegetal) UFLA. Pós-Doutorado em Agronomia na UEMS. Prof. UFMS em Chapadão do Sul.



Jorge González Aguilera

Graduado em Agronomia pelo ISCA-B (Cuba). Especialista em Biotecnologia pela Universidad de Oriente (Cuba). Mestrado em Fitotecnia e Doutorado em Genética e Melhoramento pela UFV e Post Doutorado na Embrapa Trigo. Prof. UFMS em Chapadão do Sul.



Bruno Rodrigues de Oliveira

Graduado em Matemática pela UEMS. Mestrado em Engenharia Elétrica UNESP-Ilha Solteira e Doutorado em andamento na mesma instituição. Distribuidor/Contador no TJMS. Pesquisador independente.

ISBN 978-659906417-3



Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000

Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil

Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)

<https://www.editorapantanal.com.br>

contato@editorapantanal.com.br